

PELO CAMINHO QUE CONDUZ À LIBERDADE FICARAM MUITAS VITIMAS. ARTISTAS E PENSADORES, FILOSOFOS E CIENTISTAS PAGARAM COM A VIDA O SEU TRIBUTOS À CAUSA DA HUMANIDADE LIVRE. FRANCISCO FERRER Y GUARDIA, O FUNDADOR DA ESCOLA MODERNA, FUZILADO EM MONTJUICH — ENVOLVIDO NUM PROCESSO VERGONHOSO, PELO REACIONARISMO ESPANHOL E SACCO E VANZETTI, OS DOIS ANARQUISTAS ELTROCUTADOS PELO CAPITALISMO IANQUI, FIGURAM NO PRIMEIRO PLANO DESSE QUADRO TRÁGICO DAS LUTAS SOCIAIS. ELES DIGNIFICARAM O ANARQUISMO COM SUA FIRMEZA NA HORA DECISIVA

S. PAULO, 15 DE NOVEMBRO DE 1947

ANO 31 — NUM. 10 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

A POLÍTICA É A
ARTE DE ENGANAR
O POVO OPRIMIDO

MILAGRES E MILAGREIROS

A propósito do que se vinha passando em Rio Casca, onde se estariam operando milagres graças às bênçãos do padre Antonio, que a imprensa explora com sensacionalismo e os espetáculos aproveitam para venderem toda a espécie de bugangas, desde os vidrinhos da água milagrosa às medalhinhas de estanho com efígie do padre, o sr. Mauricio de Medeiros, em dois de seus artigos para "A Gazeta", salientou a pouca memória que tem os povos, tendo em conta a repetição de mais uma série de fenômenos de hipnose coletiva.

Efetivamente, desde os tempos mais remotos, ainda muito antes de existirem padres e seus santos, já havia os milagreiros que faziam curas maravilhosas, que ressuscitavam mortos, davam vista aos cegos, e outras coisas inconcebíveis na imaginação de qualquer ente normal. É estranho que, aparecendo tantos seres dotados da faculdade de fazer essas curas pelo milagre, ainda haja doentes para curar!

Achamos conveniente que os leitores de "A Plebe" conheçam, na fonte de origem, o comentário desse médico e jornalista:

"Não creio que valha a pena discutir o conteúdo das curas. Seria um trabalho inútil. Um dos característicos dos fenômenos de contágio mental é que eles escapam à lógica. Mas é interessante anotar-se como certos fatos se reproduzem, tais e quais, sem a menor modificação. E deles não se lembra a coletividade.

No trabalho do dr. Whitaker (refere-se ao livro "Os Milagres do padre de Poá", do Dr. Aguiar Whitaker) há capítulos que poderiam ser publicados em qualquer dos vespertinos cariocas como descrevendo as cenas recentes de Rio Casca. E eles se referem ao que se passou, em Poá, no Estado de São Paulo, em 1941, quando a fama curativa de um padre holandês, que ali vivia, começou a irradiar e tomou vulto tal que gerou idêntica onda de contágio mental.

"A pé, de automóvel e de trem, levava e levava de frangalhos humanos" — descreve o dr. Whitaker — desajavam-se na vila de Poá. Sem quaisquer recursos para abrigar forasteiros e por força da natural superlotação que advém com tal afluência, Poá passou a oferecer o mais conflagrador dos espetáculos, pois, de cambalhota com a miséria dos enfermos, medravam as explorações às mais torpes". E mais adiante: "E bem de ver que, com tanta gente num lugarejo onde as condições sanitárias em tempos normais ficam muito a desejar, o ambiente que então se apresenta é tudo o que há de mais antihigienico e que está a merecer sérias atenções por parte do Serviço Sanitário do Estado, pois não será estranhável a irrupção aí de uma grave epidemia. O povo, para satisfação das suas necessidades fisiológicas, invade os quintais e os terrenos em aberto, ocasionando tão mau cheiro por todo o canto que torna o ambiente repugnante e de verdadeira intolerância geral". E prossegue a

Padre Antonio, Santa de Coqueiros, padre Cicero, Antonio Conselheiro, padre de Poá, N. S. de Lourdes, San Genaro e outros charlatães milagreiros, não curam nem fazem milagres. Tudo isso constitui explorações da boa fé e credulidade do povo, que na sua ignorância neles acredita



Todos os sermões de cinco minutos apresentam dentro de breves esperanças — as curas buscando no misticismo o remédio para os seus males

narrativa, perfeitamente idêntica à que fizeram recentemente quando foram a Rio Casca assistir aos milagres do padre Pinto.

Vejamos ainda como o sr. Mauricio de Medeiros explica a forma como se propagam os milagres:

"Nas ruas centrais do Rio, a certas horas, principalmente quando o comércio fecha e todo o mundo retorna aos lares, assistem-se a cenas deploráveis. Meia dúzia de espertalhões mancomunados inicia um pequeno ajuntamento. Um deles fala apontando para o outro e afirmando que aquele homem era um ceginho de tal ou qual bairro, muito conhecido.

— Milagre! Um verdadeiro milagre! — afirma. Este homem vivia de esmolas. Agora voltou curado por milagre do padre Antonio.

Surge então um comparsa, olha bem para o homem indicado, e exclama, com ar muito admirado:

— E' mesmo! E' o ceginho de Madureira! Eu o conhecia muito bem. Já lhe dei muita esmola. Ora, veja, como foi isso?

Pouco a pouco o grupo vai aumentando. Todos querem ver o ceginho de Madureira que voltou curado. E o homem conta uma história complicada, desde a generosidade dos amigos, que lhe auxiliaram a viagem. No ajuntamento multiplicam-se os comentários. Todos querem ver o ceginho que voltou vendo... Em certa altura, um dos comparsas inicia uma subscrição ali mesmo, com o chapéu na mão, para organizar uma caravana de doentes que precisam de milagre. Comparsas do bando tomam

a iniciativa de dar os primeiros óbols. Os não comparsas se contagiam. A coisa tem um ar todo natural. E ao cabo de poucos minutos o bando já fez uma fêria regular e vai com o ceginho de Madureira para outro ponto, onde ele pode passar de cego a paralítico de Catumbi, ou a estroplado de Vila Isabel...

E conclui, a propósito, da seguinte forma:

Tem a Igreja interesse nessa e noutras explorações?

Evidentemente não. Seu interesse estaria em trazer o padre que faz milagres para um grande centro, onde a sua obra divina tivesse maior órbita de ação. Isto, para ficarmos dentro exclusivamente da tese segundo a qual há milagres.

Se a Igreja não o faz é porque sabe muito bem que em tudo isso há pura e simplesmente um fenômeno de auto-sugestão, para o qual é indispensável o preparo psicológico de uma longa e penosa viagem, os atropelos da romaria, os incômodos de uma permanência desconfortável em uma cidadezinha sem o menor conforto. Ponham o padre no Copacabana Palace e os milagres acabarão como por encanto...

Com muita oportunidade, chegamos da Itália o jornal que se publica com a responsabilidade do nosso velho companheiro de redação Gigi Damiani — "Umanità Nuova" — em cujas colunas encontramos um artigo relacionado com os milagres de Lourdes, subordinado ao título sugestivo de, "O trem branco", que no Brasil se chamou o "Comboio da Fé". Traduzimo-lo e o publicamos para que os leitores possam tirar uma conclusão lógica dos propalados milagres do padre Antonio.

"O TREM BRANCO" OU "O COMBOIO DA FÉ"

"O trem branco", que transporta doentes do corpo e da mente, partiu, mais uma vez, para a gruta dos milagres.

A capela de Lourdes reabriu-se de novo à peregrinação dos devotos e dos angustiados sofrendores de molestias tidas como incuráveis.

O sofrimento humano transforma-se em prolixo cortejo de seres que vão em busca da ilusão do prodígio.

Preparamo-nos para ler, dentro de poucos dias, nos jornais católicos, as listas de numerosos fatos milagrosos. Daqueles que voltam, e serão a maioria, a grande massa, desiludidos, com o mais intenso desânimo, fracos, reduzidos ao extremo pela viagem inútil, ninguém falará.

O milagre tem os seus privilegiados e os seus caprichos. Não é concedido a todos. E não basta crer, sofrer, implorar. É preciso estar apto, predisposto ao benefício.

Bem poucos serão aqueles a quem a fé restituirá a alegria de viver, devolvendo-lhes a vontade de resistir ao mal que os entrava, rejuvenescendo-lhes as energias vitais, no que nem sempre a medicina, com seus métodos empíricos, consegue resultados positivos.

Como sempre, teremos os beneficiados e os mercadores da superstição religiosa, que exploram a credulidade popular, com as honras da mais vasta publicidade.

E mostrando as feridas que cicatrizam, os tumores que secam, os olhos que estavam cegos e que adquiriram vista, gritarão: cural-vos, ó incrédulos, diante da intervenção positiva e insofismável da graça divina!

Certamente que haverá também os que foram a Lourdes com uma perna de pau e voltaram com a mesma perna de pau; os que para lá partiram com um olho de vidro e voltaram com o mesmo olho de vidro... porque a potencialidade miraculosa

do sobrenatural encontra os seus limites no natural.

Nenhum deus presente ou passado, nenhuma deusa cristã ou pagã, nenhum taumaturgo ou curandeiro conseguiu até hoje restituir um membro a quem o houvesse perdido. A própria natureza é parca na realização de tais "milagres".

A interpretação dos milagres dada pelas religiões, principalmente pela religião católica, não subentende a intervenção de forças naturais mais ou menos evidenciadas, ou ainda refratárias às nossas indagações e à nossa inteligência, mas a ação poderosa de um poder sobrenatural, extra-humano. Um ato de vontade de um deus, de um cristo, duma virgem, de um santo ou de um candidato à santidade.

Vontade, repetimos, caprichosa e que se manifesta por exceções. O aspecto geral das misérias humanas não lhes interessa.

Para os antigos o milagre era sobretudo o maravilhoso, o acontecimento extraordinário. E uma tal interpretação do milagre ficou generalizada pela força do hábito no senso comum. Se, por exemplo, um industrial entregasse a sua fábrica aos operários que nela trabalhavam, todos gritariam que era um milagre... Se, ainda um exemplo, certa manhã, nos levantássemos, e ao lermos os jornais verificássemos que os preços dos artigos de que necessitamos não sofriam aumento de preço, seria um milagre!

Mas a interpretação que os padres e os fanáticos dão ao milagre diverge daquela que ficou no uso, como força de expressão, entre os latinos. Refere-se exclusivamente à intervenção de fatos imponderáveis que se confundem com a suprema divindade. Intervenção excepcional que, através de um gesto filantrópico, se propõe, acima de tudo, manter viva a fé no sobrenatural.

Mas, dirão, as curas prodigiosas são fatos concretos...

Ora, aparte a fraude, o charlatanismo e as alucinações, nós nos encontramos evidentemente em face de casos de auto-sugestão e de sugestão que atuam benéficamente no organismo, principalmente nas molestias de carácter psíquico que tem origem no sistema nervoso.

Em verdade, nós nos conhecemos ainda muito pouco, pouco sabemos ainda das forças que restam ocultas em nós, bem como das forças que nos rodeiam e das quais às vezes nos servimos.

A sugestão e a auto-sugestão, que entram no domínio das hipnoses, já vêm sendo aproveitadas por muitos estudiosos e pesquisadores da ciência, e até mesmo exploradas por charlatães que nunca serão beatificados.

Os próprios tribunos populares se valem da força de sugestão quando falam ao povo, nos períodos de campanha eleitoral, quando prometem milagres de toda a espécie, especulando com a boa fé dos eleitores, os quais, por sua vez, embarcam no trem branco ou vermelho que deve conduzi-los às urnas: auto-sugestionam-se aguardando o milagre da sua sorte, não por obra própria, mas esperando que os charlatães da política resolvam os seus problemas.

A IGREJA

A Igreja nunca poderá ser utilizada como meio de libertação do homem, submetido incondicionalmente às velhas superstições, ou para lhe fornecer uma ética social livremente aceita; do mesmo modo que em todos os homens os sentimentos de igualdade, de solidariedade e dignidade, que se sobrepõem à todas as religiões, tomam um dia forma totalmente diferente das que hoje as diversas igrejas interessadas impõem quando se ligam a esses sentimentos para os explorar em proveito de um clero retrogrado.

Pedro Kropotkin

A feira eleitoral

Como sempre acontece em época de eleições, mas agora com maior assanhamento dado o número de políticos que se apresentaram candidatos para "salvar o povo", a cidade ficou coberta de cartazes, faixas, boletins e pequenos volantes de todas as cores e feitios, com o propósito de suggestionar os eleitores que deveriam escolher os "seus representantes" na futura Câmara Municipal.

Velhos profissionais de política, conhecidos pelo espírito reacionário, apresentaram-se desfraldando a bandeira da Democracia, em nome do povo, fazendo promessas ao povo, cantando loas ao povo. Foi tal a profusão de candidatos que querem ter a honra de "sacrificar-se" pelo povo; foram

tantas e tão absurdas as promessas que se fizeram e com as quais mendigaram os votos populares, que a cidade apresentou um aspecto verdadeiramente carnavalesco, um ambiente de feira em que as consciências se expuseram vestidas de roupagens bizarras e dançando o can-can das ambições do mando e do interesse nas posições privilegiadas.

Mais uma vez o povo será iludido pela politicanha que o explora. Todos foram candidatos do povo, consciências a serviço do povo, saídos do povo e filhos do povo!

Depois virá de novo a desilusão, como sempre, e o povo continuará sendo a "eterna besta que o Padre Eterno monta", como no verso de Guerra Junqueiro.

A publicação d' «A Plebe»

"A Plebe" teve a sua publicação perturbada, pois deixaram de aparecer os numeros correspondentes aos dias 15 de outubro e 1 do corrente.

Essa anomalia se verificou em virtude de circunstâncias inteiramente alheias à nossa vontade. Determinou-se o acúmulo de trabalho na tipografia onde fazemos o jornal e que, ultimamente, teve de trabalhar ininterruptamente na impressão de material eleitoral, lutando, ainda, com a falta de linotipistas para a composição da matéria, falta essa que perdura.

Em vista disso, resolvemos aproveitar a oportunidade para concentrar toda a nossa atividade ao trabalho administrativo e providenciar também no sentido de ser conseguido o desconto no preço do papel destinado à imprensa, o que contribuirá para reduzir o custo da feitura do jornal.

Normalizando-se o serviço da tipografia e conseguido o desconto no preço do papel poderemos assegurar o aparecimento regular de "A Plebe".

Reiteramos o apelo aos camaradas e simpatizantes do jornal para que redobrem de atividade no trabalho tendente a conseguir recursos, por meio de assinaturas e contribuições, esforçando para a nossa folha tenha a divulgação necessária.

○ Anarquismo na Prática

AS COLETIVIDADES AGRICOLAS ESPANHOLAS

FIM

Em numeros anteriores Pierre Besnard demonstra que, surgindo no período revolucionário e em condições anormais por estarem todos os militantes da Confederação Nacional do Trabalho (C.N.T.) preocupados com o aspecto militar da luta antifranquista, ressentindo-se, naturalmente, da falta de colaboração e dos conhecimentos dos mais capacitados, as coletividades da região aragonesa e da Catalunha demonstraram a praticabilidade do sistema da organização libertária, constituindo uma experiência feliz da vida em comum.

Demonstrou a pujança das realizações de caráter coletivo, como no caso dos transportes e os trabalhos das minas, salientando a influência pernicioso do Estado e dos organismos políticos na vida das nações.

Na conclusão que hoje publicamos, Pierre Besnard ocupa-se de dados estatísticos para demonstrar como a intervenção do Estado na organização das Coletividades Agrárias foi pernicioso, trazendo como consequência o aumento dos preços de todos os artigos, na média de 600 a 800%, em confronto com o regime de socialização coletivista que durante algum tempo foi posto em prática pela C.N.T.

Apóia as suas conclusões no relatório do sr. Carlos Baraibar, que foi sub-secretário no governo de Largo Caballero.

"Passando a outra ordem de produtos, verificamos que se um camponês precisar de ferrar um animal, terá que pagar agora, pelas quatro patas, 40 pesetas em vez de 7, que era o preço anterior. Quanto ao custo de animais domésticos, como vacas, bois, cavalos, etc., necessários à vida e aos trabalhos do campo, basta dizer que uma vaca, que antes custava 1.500 ptas. passou a custar 10.000 ptas.

Da mesma forma se alteraram os preços dos adubos, assim como os artigos de primeira necessidade, chegando alguns a superar a percentagem da diferença.

Fica bem acentuado, com esta demonstração, que o Estado, com suas medidas de controle, desarticula e produz o desajustamento da economia, ao contrário do que aconteceu durante o curto período de vida coletiva em que se desenvolveram, com as coletividades agrárias da Catalunha, as

faculdades criadoras dos camponeses, bem como as suas qualidades de organização. Jamais se produziu em toda a região de Aragon caso semelhante, de proporções tão elevadas, obra essencialmente revolucionária que os bolchevistas se encarregaram de destruir, por constituir a negação do princípio de autoridade. Não se pode deixar de denunciar a obra pernicioso dos bolchevistas na revolução espanhola.

A confirmação dos métodos, comparados um com o outro, encontramo-la no testemunho insuspeito do Conselho de Aragon:

"As exportações e importações realizadas pelo Conselho mantiveram, no exterior, o reconhecimento de uma responsabilidade comercial que se consolidou na organização das vendas, de tal forma que permitiram à economia de Aragon prover as suas necessidades, sem nada lhe faltar em 1937, mantendo o mesmo nível de vida que se observava em julho de 1936. Dois pequenos exemplos, neste sentido, serão suficientes para o confirmar. Catalunha vendia à sua população o café comprado no exterior à razão de 30 ptas. por quilo, e o bacalhau a 9 ptas. Em Aragon, que se abastecia na mesma precedência, era vendido o café a 1 pta. e o bacalhau a 3,50 ptas.

Com relação aos produtos de origem interna, existia a mesma diferença.

Poderíamos estender as nossas argumentações em defesa do princípio das coletividades agrárias; não sentimos, porém, necessidade em fazê-lo, porque achamos que o exposto coloca a situação em seu verdadeiro lugar. Passamos, por isso, ao esboço de uma definição social do coletivismo, tal como a entendem os trabalhadores coletivistas.

O coletivismo é um sistema de organização econômica e social em que os meios de produção são de propriedade coletiva, o fruto do trabalho é posseção, dedução feita dos gastos das coletividades federadas, que o distribuem tomando por base o interesse geral do povo. Deste princípio surge a administração da economia pelos organismos sindicais e nasce o Conselho de Economia Confederal. É a socialização, o federalismo econômico aplicado em oposição ao centralismo das nacionalizações, que não é senão a economia dirigida.

Pierre Besnard

PIERRE BESNARD

Chegou até nós a notícia do falecimento, em fevereiro último, deste batalhador das lides operárias, um dos militantes do movimento operário francês de maior destaque pela sua cultura e atividade revolucionárias.

A ação deste incansável batalhador fez-se sentir ininterruptamente durante mais de quarenta anos, e pôde dizer-se que foi um dos valores mais sólidos do movimento anarcossindicalista e dos mais energéticos defensores da organização operária livre e independente da tutela de todo e qualquer partido político.

Com a morte de Pierre Besnard não se perdeu só o grande organizador e defensor dos interesses e reivindicações operárias, o que já era bastante para ser uma grande perda, mas sim o teórico e doutrinador do movimento anarquista, deixando dispersos, em jornais e revistas de todo mundo, muitos e valiosos trabalhos, pitalista e ao Estado que o impuz.

"UMA MULHER DIFERENTE" — "Cinema em Revista", hoje também "Teatro em Revista", ocupa-se, neste número, de um festival realizado pelo Centro de Cultura Social, num dos últimos sábados, no qual foi apresentada a peça "Uma Mulher Diferente", de autoria de Pedro Catallo. Seu autor está de parabéns. Profundamente significativos em face da decrépita moral existente na sociedade burguesa, os conceitos filosóficos nela apresentados encerram um argumento interessante, cujo motivo é também o problema em que se defrontam várias famílias que alicerçam a moral em concepções passadistas, acorrentadas a um sem número de conveniências e preconceitos.

O desempenho do elenco artístico esteve muito bom. Tanto a parte encarregada de interpretar os personagens cômicos, como os demais saíram-se a inteiro contento, revelando qualidades e tendências dramáticas. Principalmente o nosso velho e incansável companheiro Dito, que viveu a figura simbólica do industrial tirânico que se prevalece de sua elevada posição social para conseguir o amor de sua empregada.

Não poderíamos deixar de destacar, aqui, o trabalho de Guido Mezetti, no papel de Ludovico. Isso seria uma

de crítica e combate ao sistema camaram como um dos maiores valores contemporâneos do movimento sindical-revolucionário.

Vastos eram os seus recursos e conhecimentos das questões econômico-sociais; os seus livros são cópias da sua grande experiência revolucionária e muito especialmente lições fecundas não só da mecânica funcional da organização operária, como até das instituições sociais do futuro.

Nos seus livros "Os Sindicatos Operários e a Revolução Social", "O Mundo Novo" e "Ética do Sindicalismo" se aprende e poder-se-á avaliar da importância de sua obra e profundidade de seu pensamento na defesa de um sistema social onde os trabalhadores sejam completa e definitivamente senhores dos seus destinos.

Nas fileiras operárias deixa Pierre Besnard uma lacuna de difícil preenchimento e o anarco-sindicalismo perde um dos seus mais valiosos defensores.

Cinema em revista

injustiça muito grande. Guido Mezetti tem qualidades que o deveriam incentivar a continuar a sua vida teatral. A naturalidade com que desempenha o papel que lhe é confiado, bem como a circunstância de haver conseguido viver a figura simpática do velho filósofo renovador, faz com que o assistente, por vezes, chegue a duvidar de que "seu" Ludovico não existe, está apenas sendo representado. Sua atuação atingiu o apogeu no final do segundo ato, em que o professor de violino está sob os efeitos da bebedeira a que pouco se entregara, e parece conversar com a lua, trocando idéias filosóficas com a eterna inspiradora dos poetas. Toda a cena permanece em penumbra. Finalmente, ainda cambaleando, caminha até o piano, no qual executa os acordos iniciais da "Sonata ao Luar".

É louvável a iniciativa do Centro de Cultura Social na organização desses festivais, que muito concorrem

Frederico Kniestedt



Frederico Kniestedt (o mais baixo) ao lado de Edgard Leuenroth, quando o visitou em 1935

"Serve o presente para informar que o camarada Frederico Kniestedt foi sepultado hoje, ao meio-dia. Faleceu ontem, 11 vítima de um colapso cardíaco".

Foi por meio dessa laconica informação, datada de 12 do mês passado e expedida por um companheiro de Porto Alegre, que soubemos do falecimento de um dos mais dedicados militantes de nosso movimento.

Frederico Kniestedt nasceu na Alemanha e lá lutou decidida e intransigentemente em prol do anarquismo. Vindo para o Brasil, localizou-se em Porto Alegre, onde viveu longos anos, sempre lutando em favor de nossa causa.

Foi um combatente incansável, consequente e corajoso. Quando surgiu o nazismo na Alemanha e estendeu sua maléfica influência até os elementos alemães do Brasil, Kniestedt lançou-se numa luta sem treguas contra essa praga, sofrendo, por isso, em sua atividade de profissional uma sistemática boicotagem promovida pelos nazistas, que o tornaram alvo de suas intrigas, calúnias e ameaças.

Frederico Kniestedt publicou, durante muitos anos, um jornal libertário, em idioma alemão e vinha, ultimamente, distribuindo regularmente um boletim mimeografado, também em alemão, em muitas páginas, no qual sustentava uma campanha infatigável contra a influência danosa dos elementos reacionários e defendendo os princípios libertários.

É uma grande perda para o movimento anarquista, pelo qual Kniestedt muito trabalhou.

Esperamos que, com o auxílio dos companheiros do Rio Grande do Sul, possamos pormenorizar as informações sobre a vida fecunda desse inquebrável companheiro.

CONFERENCIAS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

"Proudhon e o Socialismo no Século XX" — pelo dr. Mario Ferreira Santos, no dia 22 do corrente.

"A propósito de milagres" — pelo dr. Pedro Dantas, dia 29. Realizar-se-ão estas conferências à rua Libero Badaró n.º 386, às 20 horas.

para a aproximação de famílias que a ele comparecem, com verdadeiro prazer.

"NOITE NA ALMA" — Não se enganem os leitores com a aparente magestade do título deste filme. Se tiverem ainda intenção de assisti-lo, desistam. De maneira alguma, se justifica a legenda de propaganda do mesmo de que "ela estava sedenta de beijos, mas com medo de amar outra vez". Diversas vezes os personagens caem em situações ridículas, e, com exceção de uma única vez, as pessoas que compõem a família do ex-combatente da guerra, aparecem todas de colares, jóias, cartola, casaca e luvas, mesmo quando se encontram em ambiente familiar, o que, a despeito da sua nobreza e da alta posição que ocupavam, não se justifica de maneira alguma.

É um filme onde não faltam batatinhas e carros de luxo, que aparecem de todos os lugares, como por encanto. Um filme que não vale a pena assistir.

Waldemar

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth.

Pelo Mundo Anarquico

ITALIA

Dois congressos servem de referência a uma apreciação sobre o movimento anarquista italiano e a atuação da F.A.I. (Federação Anarquista Italiana). O de Carrara, que dá nascimento orgânico regular a esta federação anarquista, e o de Bologna, no qual se deu corpo a uma nova estruturação que é produto das experiências recolhidas de um a outro congresso.

No congresso de Carrara apenas terminada a luta "partigiana" e ainda tomados de entusiasmo combativo, se encontravam os companheiros da Italia em face de vários problemas essenciais: o da relação e contacto com os núcleos ou companheiros sobreviventes da "era fascista"; o de estabelecer um balanço das forças, quer dizer, um cálculo dos que se achavam presentes após um período de 25 anos de exílio, prisões e lutas cruentas contra o invasor teotônico, o de dar um sentido prático às atividades dos militantes dentro de uma forma orgânica mais ou menos convencional que permita um reagrupamento geral e, finalmente, o da absorção do grande número de sim-

patizantes que, agregados no calor da luta, ameaçavam, apesar do sadio entusiasmo que os animava, desviar as atividades da F.A.I. conduzindo-a por caminhos errados.

Deste último problema é consequência a cisão produzida em Carrara e que deu origem a um grupo (Federação Libertária — Milão) de escasso numero e curta vida, que desapareceu envolta nos mais obscuros conclabulos, agregando-se a maior parte de seus componentes aos diversos partidos e em pouco tempo reduzida ao silêncio.

A solução destes problemas agudos que em parte se resolviam a "toque de marcha", não impediu que se tomasse posição clara em face dos problemas de ordem geral. Esta tomada de posições foi, desde o princípio, a bússola orientadora das atividades até que, donos de si mesmos, se convocou um novo congresso no qual se estabeleceu um balanço geral da situação, e se determinou um novo ponto de partida, modificando-se ligeiramente a estruturação orgânica do movimento anarquista italiano.

Munições para "A PLEBE"

Conforme prometemos em o numero anterior de "A PLEBE", iniciamos hoje a publicação dos contribuintes das listas publicadas nos numeros 5 e 9.

Obedecemos ao critério de poupar espaço publicando apenas as iniciais de cada contribuinte, destacando os numeros das listas, iniciais de seus portadores e as localidades de cada Estado, facilitando assim a leitura a todos os interessados.

Os companheiros que hajam contribuído ou que venham a contribuir voluntariamente nas listas de Munições para A PLEBE e não encontrem mencionadas as iniciais de seus nomes, deverão comunicar à redação, demonstrando assim o seu interesse pela causa.

LISTAS DE SUBSCRIÇÕES

N.º 1, a cargo de E.L., S. Paulo — F.S., 100; F.G., 50; P.B., 20; F.S., 50; J.C.V., 10; Adriano, 100; T.S., 10; Caboclo, 50; Dionisio, 50; Almeida, 40; A.B., 20; Martinico, 20; Ricardo, 100. Total — 620,00.

N.º 2, a cargo de L.P., S. Paulo — L.P., 30; S.G., 20; P.B., 20; O.S., 30; J.F., 20; J.N., 30; E.P.C., 20; J.P., 50; R.R., 10; M.P., 40; N.D.B., 10; R.P., 10; W.D.P., 5; A.B., 5; J.M.L., 5; P.M., 20; H.M., 10; C.F., 20; N.F., 20; C.B., 50. Total — 425,00.

N.º 4, a cargo de A.S., S. Paulo — A.S., 50; S.G., 5; S.A., 10; D.P.A.M., 70; A.C., 20; J.B., 20; A.G., 20; F.R., 20; V.P.G.M., 140; L.G., 100; A.P., 50. Total — 555,00.

N.º 5, a cargo de H.M., S. Paulo — J.M., 30; G.M., 20; A.S., 10; M.M., 10; A.M., 10; A.P., 10; L.G., 30; H.M., 30; E.P., 10; P.P., 20. Total — 180,00.

N.º 6, a cargo de L.L., S. Paulo — A.L., 10; L.L., 50; J.G., 10; A.L., 20; F.R., 10; V.D., 15; J.M., 10; L.O., 5; F.S., 5; Mercedes, 20; J.M., 5; L.L., 10. Total — 170,00.

N.º 7, a cargo de N.A., S. Paulo — C.M., 5; N.A., 20; T.R., 6; A.C., 5; A.M., 10; A.S., 5; L.S., 10; V.R., 50; N.T., 10; V.R., 29; Albino, 10; J.B., 25; J.T., 5; A.P., 80; Matias, 50; L.P., 40; P.B., 10; Anônimo, 5; M.N., 5; Antonio, 5. Total — 385,00.

N.º 8, a cargo de M.S., S. Paulo — N.R.S., 5; N.L., 5; M.S., 50; Osvaldo, 10. Total — 170,00.

N.º 9, a cargo de M.B.O., S. Paulo — M.B.O., 10; J.F., 5; Baconin, 10; Armando, 5; Maria, 5; D.B., 5; N.L., 5; João, 5; Jupiter, 5; B.S.C., 5; E.O., 5; C.B.F., 5. Total — 70,00.

N.º 10, a cargo de F.C., S. Paulo — A.C., 10; J.C.D., 5; M.M., 10; F.A., 20; M.A.N., 5; I.N., 10; M.R., 5; F.C., 10; M.C., 5; I.N.A., 5; J.C., 10; E.A.A., 40; L.L.R., 10; B.T., 5; F.P., 10; L.L.C., 5; B.A., 5; F.L., 10; E.B., 10; P.S., 5. Total — 141,00.

N.º 11, a cargo de A.A., S. Paulo — Libero, 20; Spartaco, 20; Angelo, 10. Total — 50,00.

N.º 13, a cargo de M.T., S. Paulo — M.T., 50; N.L., 20; C.V., 20; F.F., 50; P.B., 50; N.B., 30. Total — 180,00.

N.º 14, a cargo de J.V., S. Paulo — C.D., 50; L.V., 5; J.V., 40; A.V., 10; Novoelho, 20. Total — 125,00.

N.º 18, a cargo de A.C., S. Paulo — A.C.A., 50; J.F., 100; A.H.F., 10; M.M., 20; Vasco, 10; R.G., 20; A.J.H., 50; A.V., 20; R.F., 10; M.S.G., 20; C.D., 20; P.D.A., 20; F.N., 50. Total — 400,00.

N.º 17, a cargo de J.O., S. Paulo — J.O., 50; C.G., 50; Armando, 5; Antonio, 10. Total — 115,00.

N.º 19, a cargo de F.S., S. Paulo — F.S., 100; L.C., 20; F.G., 20; F.S., 5; A.F., 5. Total — 150,00.

N.º 20, a cargo de J.T., S. Paulo — J.T., 50; Manoel, 20; Luiz, 10; J.T., 10; N.D.N., 50; R.V., 100; M.N., 20; J.U., 20. Total — 280,00.

N.º 22, a cargo de M.M., S. Paulo — A.M., 5; M.M., 50. Total — 55,00.

N.º 23, a cargo de A.N., S. Paulo — A.N., 10; A.F., 5; S.N., 5; S.N.R., 5; A.B., 5. Total — 30,00.

N.º 24, a cargo de A.R., S. Paulo — A.R.B., 20; J.C., 10; T.J.D., 5; D.M., 5. Total — 40,00.

N.º 25, a cargo de R.S., S. Paulo

— R.S., 30; A.G.G., 20; E.H., 20; J.L.T., 20; F.F., 20; J.O., 20; P.L.F., 20; Garrido, 20; G.Q., 20; O.L., 10; J.G., 10; L.C., 20; A.V., 30; B.C., 50; F.T., 5. Total — 315,00.

N.º 26, a cargo de F.O., S. Paulo — F.D.O., 100; F.M., 10; J.B.S., 25; F.S., 10. Total — 145,00.

N.º 27, a cargo de L.P., S. Paulo — P.D., 5; E.L., 20; M.V., 20; A.L., 10; A.D., 10; L.P., 10; G.A., 20. Total — 95,00.

N.º 28, a cargo de D.S., S. Paulo — D.S., 50,00. Total — 50,00.

N.º 31, a cargo de J.T., S. Paulo — J.T., 50; Vasco, 10; Mussa, 100; R.G., 10; J.S., 20; J.R., 10; M.M., 100. Total — 300,00.

N.º 32, a cargo de J.F., Sorocaba — M.T., 20; M.M., 10; S.B., 5; J.C., 10; M.R., 5; V.S., 10; J.F., 10; Um camarada, 20; A.M., 20; Alguem, 10; E.S., 20; A.S., 20; I.M., 10; Um amigo, 10; C.E.S., 50. Total — 230,00.

N.º 33, S. Paulo — A.M., 10; Izidoro, 40; M.M.L., 10; A.P., 10. Total — 34,00.

N.º 34, a cargo de C.A., S. Paulo — C.A., 50; A.A., 50; R.E., 50; Camber, 10; L.N., 50; A.C., 50; Pedro, 20; M.G., 50; B.S., 10; Bravo, 20. Total — 360,00.

N.º 36, a cargo de C.C.S., S. Paulo — A.S., 10; L.S., 10; L.G., 10; I.C., 5; L.L., 5; C.M., 5; J.C.V., 10; J.M., 50; S.S.S., 10. Total — 115,00.

N.º 37, a cargo de C.C.S., S. Paulo — J.J., 10; F.L., 10; M.P., 7; F.R., 10; R.R., 5; J.R., 10; J.C., 10; P.P., 10; Salvador, 20; J.N., 10; F.M., 10; F.E., 5; J.N., 5; F.B., 5; A.R., 10. Total — 142,00.

N.º 40, a cargo de C.C.S., S. Paulo — G.F., 20; E.D.R., 25; A.T., 15; E.R., 5; J.M.O., 10; P.M., 30; A.T., 10; E.R., 5; E.D.R., 20. Total — 140,00.

N.º 43, a cargo de A.P., S. Paulo — G.P., 20; C.S., 10; D.G.S., 10; J.V.S., 5; J.A.V., 10. Total — 85,00.

N.º 45, a cargo de J.F., Sorocaba — L.R., 50; J.F., 10; I.P.G., 20; F.S.H., 5; F.S., 5; R.S., 5; A.S., 5; M.A., 10; C.R., 5; C.R.G., 2; C.M., 5; G.E.S. de S., 50. Total — 172,00.

Listas sem discriminação:

N.º 15, a cargo de B.R., 205,00; N.º 16, a cargo de J.M., 161,00; N.º 21, a cargo de B.S., 45,00.

Total geral das listas, Cr\$ 6.645,00.

CAUSTICOS SOCIAIS

ORNADA DE OURO E PRATA MAQUINA DE LAVAR ROUPA PARA O PAPA

NOVA YORK — A sociedade norte-americana para a fabricação de máquinas de lavar roupas remeteu para Roma a sua milionesima máquina, destinada a "sua Santidade Pio XII".

Essa máquina, ornada de ouro e prata, foi colocada a bordo de um avião de transporte, que partiu com destino a Roma, via Paris, acondicionada numa caixa em que está inscrito o nome do ilustre destinatário. (Da "Folha da Manhã" de 27-10-947)

É preciso mesmo que seja de ouro e prata u'a máquina destinada a lavar tanta roupa suja!..

Os Grandes Crimes Sociais

(Conclusão da última página)

Iheres e seus filhos, dando-lhes medalhas e escapulários em vez de lhes facilitar os meios de subsistência que lhes arrancaram com a ida dos chefes de famílias; 3.º, por se mandar para a guerra homens necessários à produção, e, em geral, indiferentes ao triunfo da cruz sobre a meia-lua, quando se poderiam formar regimentos de padres e frades que, além de estarem diretamente interessados nos triunfos da religião católica, não possuem família nem lar, nem produzem a menor utilidade ao país; e, 4.º, pela atitude dos deputados republicanos que, ostentando um mandato do povo, não usaram de sua imunidade parlamentar para se colocarem à testa das massas em um movimento de protesto contra a guerra.

E induzir os trabalhadores a concentrar todas suas forças para uma possível declaração de greve geral que obrigue o governo a respeitar os direitos que têm os marroquinos de conservarem a independência de seu país.

A agitação prosseguiu cada vez mais intensa, e declarando-se a greve que, em alguns lugares da Catalunha, em consequência das arbitrariedades praticadas pelo governo e es-

acusação, se tenha dirigido na busca da clareza, recorrendo a pessoas do lado contrário, o que por todos os meios conseguiu manchar o meu defendido.

"Esta campanha é dirigida principalmente contra a pessoa de Ferrer por ódio e temor à educação dada à classe operária, seja na Escola Moderna, que em algum tempo atrás conseguiu te-la fechada, seja pela série de livros publicados pela casa editorial por ele fundada, por temor, repito, de que com a ilustração os desesperados se enobrecem e sacudam jugos indignos da raça humana.

Mais adiante o advogado passa a analisar as testemunhas citadas pela acusação, e diz o seguinte:

"Manuel Jiménez Moya, testemunha importante "por estar desterrado", segundo a acusação, explica a chefia de Ferrer, porém "sem provas nas quais se possa fundar e apenas como afirmação pessoal", que da Liga Anti-militarista, e Ferrer com ela, tenha surgido a rebelião, porém acaba de confessar na sua declaração que "nada sabe por estar ausente de Barcelona desde 15 de julho", e D. Narciso Verdager y Callis, inimigo político de Ferrer, sustenta que este organizou o movimento, "segundo notícias as quais não tem meios para comprovar".

D. Emiliano Iglesias diz que ignora as relações de Ferrer com a Solidariedade Obreira, e a testemunha de maior importância para o Fiscal, Baldomero Bonet, nada concretiza, apesar de o que ficou assente na acusação, e afirma que ignora em absoluto a participação de Ferrer nos acontecimentos".

O patrono de Ferrer prossegue na análise das declarações das testemunhas contrárias, que são sempre do mesmo teor. E termina sua defesa com os seguintes dizeres:

"Resumindo, senhores: Francisco Ferrer y Guardia, perseguido por ter idéias racionalistas, impellido e acossado até ao extremo, envolvido um dia em abominável crime, fechadas suas escolas e insultado constantemente pelos partidos da intransigência, não se rende nem pede tregua. Sim, em vez de acudir às massas, as educa, procura gente, impulsiona e orienta os outros para o sol esplendoroso da razão, aponta a verdadeira finalidade da humanidade, procura, proporciona e distribui a ciência dos sábios como único armamento para as suas rebeliões.

E se vimos detalhadamente que não tomou parte, de forma alguma, na rebelião militar, que inconveniente há em reconhecer sua inocência, devolvê-lo à liberdade, levantar o embargo sobre seus bens e deixá-lo que entre os abraços da sua família lhe conte, lá fóra, no desterro, como se administra justiça no exército?

Não vos ocultarei que acedendo à minha petição, por-se-á em discussão o vosso valor, pelos que, cegos pelo ódio, não concebem justiça sem castigo; porém não terá passado muito tempo sem que vejamos a razão; e então os cegos de hoje aplaudirão a vossa firmeza.

E se, por infelicidade para eles, a luz da justiça deixou de iluminá-los para sempre, tende presente que amargam os aplausos da opinião e fermentam os remorsos, e que em troca compensam largamente os seus desprezos, os aplausos da consciência.

"Que o vosso procedimento, pois seja de acordo com o que ela vos ditar, nada mais vos peço".

Ah, a consciência dos bandidos! Só age no sentido do crime. Foi o que fizeram os verdugos de Ferrer, quan-



BARTOLOMEU VANZETTI

do premeditada e friamente haviam resolvido eliminá-lo e com ele a Escola Moderna.

E a 13 de outubro de 1909, Francisco Ferrer y Guardia foi fuzilado.

OSVALDO SALGUEIRO

SACCO E VANZETTI

Ao relembrarmos o grande crime da aristocracia espanhola, que pretendeu, fuzilando Francisco Ferrer, por um marco reacionário na estrada da Liberdade para reter o pensamento humano nos moldes inquisitoriais do clericalismo, não podemos deixar sem registro o ato criminoso da burguesia norte-americana, há 20 anos atrás, que, aproveitando-se de uma fase aguda da decomposição do regime capitalista, que era a onda de assaltos provocada pelas consequências da primeira guerra mundial naquele país, levou o seu descaramento ao ponto de confundir com vulgares assassinos e assaltantes de estrada as figuras imponentes dos dois anarquistas Bartolomeu Vanzetti e Nicola Sacco, levados à cadeia elétrica para justificar um fracasso da polícia americana em descobrir os assassinos dos pagadores de um grande estabelecimento assaltado por ladrões.

Vale a pena relembrar alguns episódios desse monstruoso crime perpetrado pela justiça lanque.

Ao finalizar a conflagração mundial de 1914-1918, a onda de assaltos na América do Norte havia-se tornado uma indústria.

Esta circunstância permitiu ao capitalismo, com o concurso do seu órgão defensor — o Estado — tramarmos a sombra os mais negros planos visando desembaraçar-se dos elementos que, pelas suas concepções revolucionárias, pela sua ação destemida em prol de um mundo de justiça e liberdade, contrariavam os seus planos de exploração do homem pelo homem.

Grande numero de militantes operários foram parar nos cárceres acusados de assaltantes e ladrões.

Sacco e Vanzetti, que se destacavam na propaganda libertária pela retidão das suas consciências e pelo ardor com que defendiam os direitos proletários, foram vítimas desse plano infernal, sendo aprisionados com o pretexto de terem participado do assalto.

A burguesia norte-americana não perdoava a esses dois militantes anarquistas a sua destacada atuação no movimento social e, principalmente, a atitude que tomaram com relação ao grande crime da guerra.

O assalto perpetrado contra os pagadores de uma grande empresa, no qual houve que lamentar alguns mortos, foi habilmente explorado pela burguesia, que, sem titubear, o endossou à conta daqueles dois companheiros.

Reunir os elementos de prova para formar o processo dessa monstruosidade jurídica, não foi coisa fácil. Mas o capitalismo precisava de provas e, com o propósito de obtê-las, não hesitou em lançar mão de todos os meios, mesmo os mais vis. Elementos desclassificados foram recrutados nos "bas-fonds" e pagos para servir de testemunhas contra os dois operários. Uma verdadeira confabulação político-jurídica-policia se colocou a serviço da plutocracia para culpar Sacco e Vanzetti. O processo se fez com a aparatossidade que convinha ao caso, a máquina havia sido montada de acordo com os caprichos dos plutocratas e o resultado, como era fácil prever, foi um veredito condenatório: Sacco e Vanzetti foram condenados à cadeia elétrica.

A condenação dos dois militantes anarquistas causou profunda indignação não só nos meios proletários, mas também nas classes liberais e nos meios de cultura, onde não se tardou em descobrir a trágica manobra que se ocultava por detrás dessa monstruosidade jurídica.

Desde o início do processo havia-se formado um comitê de defesa. O trabalho desenvolvido por esse comitê, integrado no princípio por poucos companheiros, que naquela ocasião foram os únicos a assumir a responsabilidade da defesa dos processados, foi simplesmente grandiosa e ficará na história como um exemplo de dedicação. Teve que vencer grandes dificuldades para abrir caminho à grande agitação que depois se verificou em todas as partes do mundo e em consequência da qual foi várias vezes suspensa a execução da sentença.

Durante sete anos foram-se acumulando provas que demonstravam a inocência dos acusados, destruindo a debil argumentação que havia servido aos seus julgadores para condená-los. Apesar disso, não obstante haver sido posta a descoberto a trama infamante da burguesia norte-americana, esta, desafiando o mundo, permaneceu surda ao clamor universal que se levantou para exigir que fosse feita justiça.

Tudo foi inútil. Na madrugada de 23 de agosto de 1927, Sacco e Vanzetti foram conduzidos à cadeia elétrica.

Como todos os grandes mártires, afrontaram a morte com serenidade, neles ardia a chama do ideal e o seu último grito foi — Viva a anarquia!

O FASCISMO EM PORTUGAL

O ELEMENTO ANARQUISTA AGE VIGOROSAMENTE

"Falar dos presos políticos em Portugal, exigir a sua liberdade não é apenas o cumprimento de um dever, uma simples obseção da nossa parte, mas sim um imperativo da nossa razão de ser revolucionários, uma satisfação, portanto, das nossas próprias necessidades sentimentais.

Como lutadores na defesa de um mundo mais justo e humano, a dor alheia tortura-nos tanto como a nossa, a tirania exercida na pessoa seja de quem for atinge-nos em cheio e faz-nos vibrar de revolta e indignação.

E porque isto é assim, é que sempre fez eco nos nossos corações, a dor de nós a nossa sensibilidade, o gesto dos que gemem sob o látigo da opressão, dos que clamam justiça e liberdade nos engastulos dispersos pelo mundo, impondo-nos a obrigação de lutar pelo desaparecimento da injustiça por toda a parte reinante.

Não somos dos que apenas combatem um mal porque lhe sofrem as consequências, mas sim por que esse mal existe. A opressão, parta donde partir, sejam as direitas ou as esquerdas a cometer a tirania, tem para nós a mesma importância, merecemos o mesmo ardor no combate.

Entre nós, são as direitas que nos oprimem, é o fascismo negro a im-

perar e a roubar ao nosso povo a alegria de viver livre e feliz, a manter no Campo de Marte do Tarrafal honestos trabalhadores que ali suportam as inclemências de um clima mortífero e a clamar a sua restituição à vida, e nas penitenciárias de Lisboa e Coimbra, nos aljubes de Lisboa e Porto, nos fortes de Caxias e de Peniche, por terem tido o valor de fazer frente à ditadura salazarista.

Todos estes honestos trabalhadores e dignos defensores da liberdade e do bem-estar do nosso povo devem ser restituídos à liberdade, ao convívio dos seus entes queridos!

Que por todos os cantos do país, nas cidades e nas aldeias, nas fábricas e nos campos, nas oficinas e nas universidades, em todos os lugares de produção e de estudo, que o protesto seja vibrante contra tanta injustiça!

Que o nosso grito de protesto e de revolta atravesse as fronteiras e faça ouvir a nossa voz que clama por justiça e liberdade para todos os homens e para todos os povos!"

Esse vibrante protesto foi reproduzido de "A Batalha", o glorioso órgão da Confederação Geral do Trabalho, de Lisboa, que agora está aparecendo clandestinamente.

Prof. Antonio Piccarolo

Faleceu o professor Antonio Piccarolo, personalidade assaz conhecida em São Paulo pelas múltiplas atividades que aqui desenvolveu durante várias décadas. Foi professor, jornalista, escritor.

Vem para o Brasil em 1904, para dirigir o diário socialista "Avanti!", que aqui se publicou durante bastante tempo. Fundou e dirigiu outras publicações, como o diário "Il Século", a revista "Rissorgimento" e o jornal anti-fascista "La Difesa". Colaborou assiduamente, até as vésperas de sua morte, em jornais brasileiros, denunciando os seus trabalhos uma sólida cultura.

Como professor, lecionou sobre várias matérias em estabelecimentos de ensino particulares e oficiais, sendo geralmente reconhecida a sua alta competência.

Bastante ativa foi a sua atuação como militante socialista, prosseguindo, aqui, a propaganda que, desde a juventude, desenvolvera na Itália. Realizou numerosas conferências e cursos doutrinários, participando de muitas iniciativas relacionadas com o movimento social.

Pertencia à corrente reformista dos socialistas, partidário da ação política do proletariado. Esteve, pois, sempre, sob esse aspecto, em contraste com os anarquistas e, por isso, não raras foram os embates que com ele tivemos. No decorrer de sua longa existência de lutador, em refregas polêmicas, às vezes violentas, apontaram-se atuações consideradas em contradição com sua condição de militante socialista.

E' de justiça, entretanto, salientar a sua atividade decidida na luta contra o fascismo, pois, mesmo no período mais agudo do domínio reacionário, no estrangeiro e aqui, ele, corajosamente, manteve a sua atitude anti-fascista.

Ultimamente manifestava sua opinião respeitosa com referência ao anarquismo, lendo com interesse as nossas publicações, principalmente "L'Adunata dei Refrattari", de Nova York, que declarou considerar um dos jornais mais bem escritos do movimento social internacional.

Dias antes de seu falecimento, em conversa com um nosso camarada que o visitou, assegurou a sua confiança na vitória do ideal que animara a sua vida, e que, não obstante a atual situação calamitosa do mundo, a humanidade caminhava para o socialismo, mas para o socialismo em toda a inteireza de sua finalidade — para o socialismo libertário. Assegurou ainda que isso pretendia deixar dito, por escrito, em um trabalho que tinha em preparação.

"A PLEBE"
Caixa Postal 5739
SÃO PAULO

O festival de 18 de Outubro

Como havia sido anunciado realizou-se no dia 18 do mês findo, no salão do Gremio Dramatico Hispano Americano, a rua do Gazometro, o festival artistico promovido pelo Centro de Cultura Social, em continuação aos trabalhos de educação e cultura que o mesmo vem realizando desde a sua fundação.

Foi levada à cena, pelo grupo Dramatico do Centro, em primeira representação, a peça: *Uma mulher diferente*, original do nosso companheiro Pedro Catado.

Deixamos de entrar na apreciação dessa obra e do desempenho, por parte dos amadores que a ela prestaram o seu concurso, para não repetimos aqui o que fica dito na referencia que lhe faz Waldemar na secção "Cinema em Revista".

Solicitamos apenas a satisfação que nos causou o aspecto da assistência, da qual encontramos velhos camaradas, com suas famílias, e que incluía literalmente o salão, espalhando-se pelos corredores e conservando-se pacientemente em pé para assistir à apresentação da peça.

É digno de registro, também, a iniciativa do Centro de Cultura Social, na escolha da peça, cujo tema interpretou vivamente, dispensando aplausos calorosos e suscitando debates.

Centro de Cultura Social

Com os festivais realizados pelo Centro de Cultura Social; com as suas sessões culturais e as conferencias científicas a que vem prestando o seu concurso, vem-se desenvolvendo a aproximação das famílias de camaradas, realizando-se uma obra de educação e cultura proletária que atrai ao seu convívio estudiosos de todas as classes sociais, notando-se a presença de professores, médicos, jornalistas e cientistas que se mostram interessados pela obra que o Centro vem realizando.

Para a divulgação de "A Plebe"

CAMPANHA DAS 5.000 ASSINATURAS

Afim de que seja assegurada definitivamente a vida econômica do jornal, e consequentemente a sua publicação regular, precisamos conseguir-lhe assinantes.

Com 5.000 assinaturas, "A Plebe" terá sua vida garantida. Precisamos, pois, conseguir CINCO MIL ASSINANTES. E não será difícil — se todos os amigos do jornal se dispuserem a trabalhar, conseguindo-se assinantes entre os militantes libertários, entre os simpatizantes do nosso movimento, entre amigos do jornal, etc.

Mãos à obra, pois, sem perda de tempo! E' uma excelente ocasião para que demonstremos nosso interesse pela causa libertária, da qual "A Plebe" é voz eiro na imprensa.

Pedidos de assinaturas à Caixa Postal N.º 5739, São Paulo, com o seguinte coupon:

OS TRABALHADORES NÃO DEVEM TER ILUSÕES À ESPERA QUE OS POLITICOS RESOLVAM OS SEUS PROBLEMAS. SÓ A PROPRIA AÇÃO DO PROLETARIADO, AÇÃO DIRETA, SEM MISTICA NEM PASTORES, É QUE PODE SOLUCIONAR OS PROBLEMAS SOCIAIS. PARA ISSO, É PRECISO QUE OS SINDICATOS SEJAM LIVRES E LIBERTADOS DA TUTELA DOS MINISTERIOS E DOS POLITIQUEIROS.

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE NOVEMBRO DE 1947

ANO 31 — NUM. 10 (Nova fase)

Os Grandes Crimes Sociais

Lembrando o assassinato de Francisco Ferrer pelo clericalismo espanhol e de Sacco e Vanzetti pelo capitalismo norte-americano.



Expressivo trabalho alegórico ao sacrifício de Francisco Ferrer, de autoria do pintor, espanhol Sacristá, que foi, por esse motivo, condenado a cinco anos de prisão

No dia treze do mês passado, decorreram trinta e nove anos que Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, foi fuzilado pelo teocático governo de Afonso XIII.

Nunca será demais lembrar essa data. É preciso, sobretudo, levar ao conhecimento dos elementos das novas gerações que acreditam na liberdade como a maior das virtudes humanas, o que foi a Escola Moderna e de como as forças reacionárias na Espanha, sobretudo a católica, se valeram de certas circunstâncias, por elas mesmas provocadas, para eliminar o seu fundador.

Ferroviário que era, Ferrer fez-se professor e o ensino era o que mais o preocupava dentre as suas mais elevadas idéias. E a tal respeito, não se podia conformar com o contraste entre a França e a Espanha. A grande percentagem de analfabetos existentes no seu país natal, principalmente entre as classes pobres, preocupava-o constantemente, como um constante pesadelo. Além do mais, o Código de Ensino espanhol era uma coisa vergonhosa, sob a influência do clericalismo e de um governo teocrático. Desconhecido, pobre, e com um tal estado de coisas pela frente, Ferrer não via a possibilidade de se entregar a um empreendimento de vulto, qual o de difundir, como ele sonhava, e à margem de Estado, um ensino racionalista.

Vivia então na França e entre os alunos que se deixaram entusiasmar pelo seu ideal, havia uma senhorinha, Mlle. Mennier, que, vindo a falecer, deixou-lhe uma propriedade agrícola avaliada em trinta mil libras esterlinas.

Vendida essa propriedade, Ferrer voltou a Barcelona, onde fundou a Escola Moderna. Pediu a colaboração de alguns sábios, entre os quais se encontravam o dr. Odón de Buen, dr. Martínez Vargas, prof. Ramón y Cajal, um dos melhores fisiólogos, Letourneau, prof. da Escola de Antropologia, e Eliseu Reclus, um dos maiores, ainda o maior geógrafo de todos os tempos.

Os livros especialmente escritos para a Escola Moderna, que não foram poucos, são todos de fundo científico e de texto cristalino. Eu creio, conforme afirmou Mr. Mc. Cabe em uma obra publicada em Londres pela Associação da Imprensa Racionalista, que jamais existiu coisa que se lhe compare, em parte alguma do mundo, como método de ensino elementar. Cinco destes livros devem-se à pena de Odón de Buen, cientista de reputação européia. Tratam de gramática, história, psicologia, filosofia natural, sociologia, etc. Com o título de "Psicologia Etnica", Letourneau escreveu uma obra, editada em quatro volumes e traduzida para o castelhano por Anselmo Lorenzo. Sem o receio de se cair em exagero, se pode afirmar que é uma obra magistral. Conforme ficou dito, Letourneau era professor, em Paris, de antropologia, e "Psicologia Etnica", é, por assim dizer, um tratado de antropologia, no amplo e moderno sentido da palavra.

A Escola Moderna era essencialmente racionalista e geralmente os seus alunos eram filhos de pais racionalistas. Vejamos o que a respeito nos diz Ferrer:

"Como é notório, a criança nasce sem idéia alguma preconcebida e, durante o transcurso de sua vida, assimila idéias das que a rodeiam, modificando-as depois de acordo com sua cultura, suas observações, relacionando-as com as circunstâncias. Daqui se deduz claramente que se a criança foi educada em idéias positivas e verdadeiras sobre todas as coisas, e se se lhe ensina que para evitar o erro é indispensável que não aceite nada pela fé, mas que aceite só o que a ciência pode mostrar, ela crescerá aguçando seus dotes de observação e com aptidão para toda classe de estudos. Tal é o objetivo da Escola Moderna. O inteiro valor da educação estriba-se no resto à vontade física, intelectual e moral da criança. O verdadeiro professor é o que se abstém de impor sua vontade e suas idéias às crianças e que, pelo contrário, apele, cada vez mais, para as energias destas."

"Vemos, pois, — diz-nos Mr. Cabe — que este homem que foi tão grosseira-

mente incompreendido, tinha uma profunda teoria sobre pedagogia, que havia incorporado a um belo sistema de educação.

Faria uma nova raça de espanhóis, de vida reta, de espírito informado, de um juízo educado cientificamente. Esta nova democracia criaria uma nova Espanha. Tenho ante meus olhos o índice do "Boletim da Escola Moderna" publicado desde 1901 a 1909. Seus artigos estão assinados frequentemente pelos mais eminentes cientistas da Europa. Tratam de todos os aspectos da pedagogia e da ciência como também de religião; porém, nunca de questões sociais ou políticas e refletem sempre um aspecto científico."

Ao contrário do que afirma Mr. Cabe, creio que Ferrer foi compreendido, compreendido pelo jesuitismo que queria evitar, a qualquer preço, uma educação da qual surgisse uma nova raça de espanhóis de vida reta, espírito informado, de um juízo edu-

As Miserias Eleitorais

A propósito da feira eleitoral, registramos o seguinte fato passado num restaurante frequentado por deputados de todas as cores e de todos os partidos:

Sentados à mesa, vários deputados de um partido popular, que na campanha eleitoral arvoraram a bandeira das reivindicações trabalhistas, conversam:

— Já é tempo de pensarmos em nós — dizia um.

— Precisamos, primeiro, pensar no povo, que nos elegeu — comenta outro.

— Ora o povo! O povo que... se dane! (o termo foi mais forte) O que o povo precisa é chicote!... — retruca o primeiro. E uma gargalhada cobriu a indignação dos gargões que estavam servindo a mesa.

E' essa a mentalidade de todos os que, explorando a boa fé do povo, a ele se apresentam pedindo votos para as eleições.

E a farsa continuará enquanto o povo pensar em eleições.

O povo italiano desafia a tirania do ditador Franco

Como em 1919, no caso de Malatesta, os trabalhadores italianos, num belo gesto de solidariedade internacional, arrancaram á morte e ao degredo quatro fugitivos da Espanha sangrenta de Franco.

Em 1919, Errico Malatesta, o grande anarquista que nos deixou tantos exemplos de coerência, abnegação e sacrifício, ao lado de tantas obras de valor que servem de padrão á obra de cristalização das idéias libertárias, encontrava-se de viagem num trem a caminho de Bolonha, onde ia participar de um congresso da U. A. I. (União Anarquista Italiana).

Antes de chegar áquela cidade, ao passar por uma estação intermediária, a polícia monárquica do rei Humberto o fez descer do vagão em que se encontrava e conduziu-o preso.

Cientes deste fato, os trabalhadores de Livorno se declaram em greve geral com o propósito de exigir que Malatesta fosse posto em liberdade, estabelecendo como condição para pôr fim ao movimento grevista, a presença de Malatesta em Livorno, cidade de onde havia partido.

Dessa forma conseguiram os trabalhadores a liberdade do grande pensador anarquista, que, assim, pôde participar do congresso anarquista de Bologna, como estava previsto.

Fato idêntico, acaba de ocorrer com quatro clandestinos fugidos das malhas da polícia franquista, conforme notícia publicada em "Umanità Nuova", de Roma.

Esses quatro clandestinos espanhóis estavam alguns condenados á morte e outros a prisão de mais de 20 anos.

Depois de várias peripécias, conseguiram fugir e embarcaram clandestinamente a bordo do navio inglês "England", que seguia a rota Sevilha-Marselha.

Por qualquer motivo, essa travessia foi mudada para Genova, em cujo porto foram os quatro clandestinos descobertos e entregues ás autoridades italianas.

Certos de que, tendo desembarcado em uma república antifascista, estavam sãos e salvos, os quatro fugitivos felicitaram-se por essa solução.

Entretanto, como o Estado é o mesmo em todas as partes, e sob qualquer regime político, ordens de Roma fizeram com que os mesmos fossem recambiados para bordo do "England", que os deveria entregar, republicamente e religiosamente, aos carneiros de Franco.

Essa infamia das autoridades republicanas da Itália antifascista adquirem um caracter ainda mais torpe porque, para esconder a ação inqualificável das autoridades romanas, alegaram que os quatro clandestinos, refugiados políticos, haviam sido enviados á um campo de concentração para estrangeiros existente em Nápolis.

Deixando Genova, o "England" dirigiu-se para Livorno, onde logo se espalhou a notícia de que os refugiados se encontravam a bordo do navio, com o destino marcado para serem entregues ao governo franquista.

Como os trabalhadores livornenses arquitetaram o plano de salvar os quatro clandestinos e levaram esse plano a cabo com o auxílio de toda a população, não o sabemos, nem nos interessam os detalhes deste gesto sublime de solidariedade internacional.

Basta pôr em relevo que o povo de Livorno, desprezando todas as conveniências sociais e políticas, arrancou das garras da morte quatro vidas humanas, com um ato essencialmente revolucionário de ação direta, e que isto constitui um exemplo que se deve repetir em todas as partes nas mesmas circunstâncias, como bem disse Malatesta quando foi libertado pelo povo de Bolonha.

Os quatro clandestinos salvos pelo povo de Livorno são: José Munhoz Gonzalez, de 33 anos, condenado ao ergastulo, Juan Torres Carbonero, de 32 anos, condenado a 20 anos; Carlos Ruiz Mercluan, de 32 anos, condenado a 20 anos; Francisco Garcia, de 30 anos, condenado á morte.

Já está à venda

"O ANARQUISMO AO ALCANCE DE TODOS"

Livro do Prof. José Oiticica

cado cientificamente. Daqui o fato de o terem envolvido em acontecimentos de que adiante trataremos.

Cumpre notar que, embora na Escola Moderna não se tratasse de questões político-sociais, os seus alunos pertenciam a famílias de anarquistas, socialistas e de outras tendências mais ou menos liberais. Quando Ferrer fundou a Escola Moderna, já existiam, na Espanha, algumas escolas racionalistas, mas que, às vezes, eram obrigadas a se fecharem por falta de recursos, pois que eram mantidas com as economias, sempre precárias, das classes trabalhadoras.

O governo espanhol, à testa do qual então se achava Maura, resolveu empreender uma campanha contra as tribus do Riff que se tinham permitido resistir a uma invasão espanhola do seu território. Tal invasão tinha por objetivo fazer respeitar a propriedade de umas minas, das quais, um dos principais acionistas era o Conde de Romanones, ex-ministro e uma das personalidades de maior destaque do partido liberal (?) espanhol. Como, aliás, muitas vezes acontece, o governo de Maura declarou a guerra sem consultar o povo. Mas, uma vez declarada, tinha que contar com ele. E o povo se declarou em oposição ao governo.

Os sindicatos operários e a imprensa proletária, desde logo se pronunciaram contra a expedição para Marrocos. Por fim, a opinião geral espanhola manifestou-se contra a aventura guerreira. Não obstante, Maura, os militares e a imprensa reacionária, mostraram-se indiferentes aos protestos populares. Em vista disso, a imprensa operária redobrou sua atividade anti-guerreira e com tal veemência o fez, que Pablo Iglesias chegou a afirmar que qualquer reservista preferiria degolar a qualquer ministro, que ir matar gente que estava defendendo o seu solo com o mesmo valor que os espanhóis, em 1808, defenderam o deles. O discurso no qual Iglesias pronunciou essas palavras teve grande ressonância e não foi mal visto mesmo pela burguesia democrática.

Contudo, o governo continuou a mostrar-se indiferente, convocando os reservistas, para manda-los imediatamente para a África. Na sua maioria, estes reservistas eram operários, muitos dos quais estavam casados

desde que haviam regressado do serviço ativo.

O cinismo do governo foi coroado com a atitude das senhoras aristocráticas, quando elas foram a bordo dos navios que deveriam conduzir os soldados, distribuindo a estes medalhas, escapulários e cigarros ordinários. Mas os soldados atiraram tais bugigangas ao mar. No entanto, a multidão gritava: "Abaixo a guerra! Abaixo o governo!"

A Federação Operária de Terrasa, provincia de Barcelona, celebrou uma grande reunião no teatro Alegria, na qual falaram, por parte dos anarquistas, Mariano Castellet, e, por parte dos socialistas, Fabra Ribas, redator-chefe de *La Internacional*. A assembléa, composta de milhares de pessoas, aprovou, por unanimidade, a seguinte moção:

"Considerando que a guerra é uma consequência fatal do regime de produção capitalista;

Considerando, além disso, que dado o sistema espanhol de recrutamento do exercito, são só os operários que vão para a guerra que os burgueses declaram;

a assembléa protesta energicamente: 1.º, contra a ação do governo espanhol em Marrocos; 2.º, pelo procedimento de certas damas da aristocracia que insultaram o sofrimento moral dos reservistas, de suas mulheres.

(Conclui na 3.ª página)

ESPAHAGOS.

FALHAÇADA ELEITORAL

Realizaram-se a 9 de novembro as eleições municipais.

(Dos jornais)

No picadeiro da rua

Já começou a função.

Ao povo prometem pão,
Carne, leite, o céu e a lua...

Qual raposa se insinua,

Manhoso como os que o são,
O esperto "camaleão"

Que da língua faz gazua.

A pedir votos, agora,

Qualquer tirano se arvora
Em o povo defender.

E o povo, ouvindo a cantiga,

Tem que apertar a barriga
Por não ter mais que comer...

FREI JOÃO SEM CUIDADOS.